

A ILUMINADA MOÊMA, QUE VIROU SÍMBOLO DA LUTA PELOS DIREITOS DOS DEFICIENTES VISUAIS

Formou-se há 35 anos em Medicina pela UFPR, mas não pôde exercer a profissão. Faleceu em 2014.

Aos 22 anos de idade, quando estava no quarto ano do curso de Medicina da Universidade Federal do Paraná, Moêma Espínola Araújo desenvolveu glaucoma e tornou-se completamente cega, apesar dos esforços médicos. Começava ali a saga de uma mulher que nunca desistiu de seus sonhos e, mais que isso, acabaria se transformando em destacada ativista em defesa dos direitos das pessoas deficientes e contra o preconceito.

Apesar de outros problemas de saúde, como diabetes, Moêma encontrou energia para ir à luta e atestar sua perseverança. Procurou o Instituto Paranaense dos Cegos e a Associação dos Deficientes Visuais do Paraná e interagiu com pessoas com dificuldades semelhantes. Fez aulas de braile e locomoção e começou a reconquistar a sua independência e a superação do trauma. Assim, pôde voltar ao curso, apesar da situação inusitada e da desconfiança inicial de colegas e professores.

Em 1987, quando tinha 29 anos, Moêma chegou a fazer estágio no Hospital de Clínicas antes de concluir o curso. Uma grande vitória, com a colação de grau, foi sucedida pela sensação de derrota, eis que o tão almejado diploma não lhe foi concedido. Ela passou por análise de comitês, mas sua condição sem precedentes estabeleceu o impasse para que fosse autorizada a exercer a Medicina e, assim, constituir-se na segunda pessoa cega no mundo a alcançar tal conquista, excetuando-se casos de profissionais que perderam a visão quando já estavam na atividade.

ATIVIDADES VOLUNTÁRIAS

Moêma não chegou a exercer a atividade médica, embora a batalha levada à esfera da Justiça tenha, em determinado momento, legitimado o seu direito. Sem perder a alegria e a disposição de luta que a caracterizaram desde a infância, Moêma buscou outros caminhos no campo profissional. Também formada no magistério, cursou informática e foi trabalhar numa organização bancária, onde até implementou programa de controle de exames médicos de funcionários.

Cega, mas iluminada. Era assim Moêma em sua vida pessoal, como relembram familiares e amigos. Amava música, dança do ventre, carnaval, esoterismo, esportes e poesia, talento que já era admirado desde a infância. Suas ações de voluntariado foram importante instrumento de incentivo e inserção social de deficientes e de respeito ao ser humano. Atuou como voluntária no Instituto dos Cegos e Associação dos Deficientes, que a tinham acolhido, e também na Fundação Pró-Renal e no Asilo



“Quando nasci faltou luz no hospital. Na confusão, no escuro, resolvi nascer sozinha, sem a ajuda do médico. E ali estava traçado, seria deficiente visual.”

MOÊMA, EM DEPOIMENTO (NA FOTO COMA MÃE)

Vídeo sobre a vida de Moêma Espínola Araújo - Lançamento do livro “Olhares de Moêma” - YouTube (<http://tiny.cc/moema>).



São Vicente de Paulo, onde sua mãe, Dona Helena, sempre teve participação. Nos períodos de Natal e Páscoa, vestia-se a caráter para alegrar a criançada.

Filha de Jango e Helena, Moêma nasceu em 1958. Teve irmãos e realizou outro sonho, o de ter um filho, Leandro, que viria a seguir a carreira de jornalista. Moêma chegou a ser suplente de vereadora em Curitiba, em 1992, e entre as muitas homenagens que recebeu em vida estão o Troféu Sorriso, na Câmara Municipal em 2002, e o Prêmio Cultura e Divulgação de Curitiba no ano seguinte. Ela faleceu em 2014, deixando importante legado, inclusive na poesia que alimentou por anos escrevendo em braile.

HOMENAGENS

Em proposição da vereadora Maria Leticia, que é médica, a Câmara Municipal de Curitiba aprovou por unanimidade a nomeação de logradouro público da capital com o nome de Moêma, o que foi transformado em lei em setembro de 2017. Hoje, o nome dela está consagrado em uma academia ao ar livre do bairro do Uberaba.

Quando apresentou o projeto, Maria Letícia justificou: “Eu conheci a doutora Moêma, uma mulher corajosa, determinada. O trabalho que ela fez foi gigante. Uma construção progressiva, mas discreta, enfrentando problemas de saúde durante sua vida. Lutou pelas pessoas que tinham alguma deficiência. Foi uma dessas mulheres que entendia seu papel na sociedade como agente transformador e formadora de opinião”.

Em setembro de 2019 foi lançado o livro *Olhares de Moêma*, coletânea de poesias escritas por ela e com ilustrações de sua mãe. O lançamento ocorreu no Asilo São Vicente de Paula, para o qual foi revertida a arrecadação da venda do livro. Simultaneamente foi lançado um vídeo sobre a vida de Moêma, com narração do irmão dela, o ator Licurgo Espínola, e edição da sobrinha Hannah Araújo. No final de outubro do mesmo ano, Curitiba foi sede do V Encontro Nacional de Mulheres Cegas e com Baixa Visão (MBMC), com o tema “Trabalho e empregabilidade”. Na ocasião, houve homenagem à “Dra. Moêma, ativista dos direitos das pessoas com deficiência”. ❶

PRECURSORES DE UMA LUTA PELA INCLUSÃO E CONTRA PRECONCEITO

A luta que Moêma inaugurou há 35 anos contribuiu para um olhar diferente à condição dos estudantes de Medicina. Para os deficientes visuais, importante resgatar a trajetória do ortopedista Antônio José da Cruz Santos, o Niltão, que faleceu aos 74 anos em dezembro de 2021, vítima da covid-19.

Formado pela USP de Ribeirão Preto, ele estava fazendo residência médica quando, em 25 de julho de 1979, sofreu acidente de trânsito. Foi na estrada entre Ribeirão Preto e Porto Ferreira, para onde seguia para fazer um plantão. Era dia de São Cristóvão, o padroeiro dos motoristas. Sobreviveu. Sairia do coma quase duas semanas depois no hospital, onde recebeu a notícia do nascimento do terceiro filho. E de que não poderia vê-lo, pois perdera a visão.

Niltão, assim apelidado por causa da semelhança física com o jogador Nilton Santos, participante de quatro Copas do Mundo, conseguiu não apenas obter o título de especialista como também exercer a atividade por longos anos no Hospital de Clínicas de Ribeirão Preto, no serviço público do município e ainda em consultório particular, com ênfase na área de reabilitação. Seu reinício foi acompanhando consultas, ganhando depois a autoconfiança para prosseguir no trabalho, o que cumpriu até o fim da vida.

O médico Wilson Aparecido Alves de Oliveira tem uma história semelhante à do Dr. Niltão. Formado em 1980 pela Universidade Federal de Santa Catarina, cinco anos depois ele sofreu acidente de trânsito. Sofreu traumatismo cranioencefálico, com perda do olfato e da visão. Residente em Blumenau (SC), exerce a profissão no sistema público da cidade e em consultório particular.

Outro exemplo de perseverança é o endocrinologista Ricardo Ayello Guerra, que nasceu com retinose pigmentar. Tinha 30% da visão quando ingressou na UERJ, tendo dificuldades em algumas disciplinas, que superou com a compreensão de professores, como o de anatomia, que lhe permitiu usar o tato. Formou-se e fez residência. Aos 35 anos viu acentuar-se sua dificuldade de visão. A essa altura, trabalhava em dois hospitais públicos de São Paulo e consultório particular em Atibaia. Aos 42 anos ficou totalmente cego. Há mais de oito anos enfrenta a nova forma de trabalhar, contando sempre com cooperação de colegas.

Inscrito desde fevereiro de 2014 no CRM de Pernambuco, Pedro Cerqueira Russo mora em Jaboatão dos Guararapes com os pais e irmãs. Médico da Prefeitura do Recife, fez residência em Psiquiatria. Tem visão mínima e conta que sempre fez uso de programa de computador para seus estudos e atualização. O “JAWS” é para deficiente visual, que transmite em áudio conforme vai passando o leitor.

Samuel Felipe Ramires Franco formou-se em 2019 pela Universidade Federal de Roraima. Tem limitação visual, resultado de doença que descobriu depois de ter ingressado no curso de Medicina, em 2013. Até recentemente a UFRR tinha uma centena de alunos que são PCD (Pessoa com Deficiência). Do total, 31 eram de Medicina.